



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB – CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SAMUEL FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

**PERFIS DE IDENTIDADES FEMININAS NO ROMANCE “GABRIELA,
CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO: indo além do progresso e
conflitos de poder na terra de Ilhéus**

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2013

SAMUEL FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

PERFIS DE IDENTIDADES FEMININAS NO ROMANCE “GABRIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO: indo além do progresso e conflitos de poder na terra de Ilhéus

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora:

Profa. M.Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Catolé do Rocha – PB

2013

O48pOliveira, Samuel Francisco Pereira de

Perfis de identidades femininas no romance
“Gabriela”, cravo e canela” de Jorge Amado: indo
além do progresso e conflitos de poder na terra de
ilhéus.Samuel Francisco Pereira de Oliveira. – Catolé
do Rocha, PB, 2013.

30 f.

Monografia (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

Orientação: Profa.M.Sc. Maria Fernandes de
Andrade Praxedes. Departamento de Letras e
Humanidades.

1. Literatura. 2. Sociedade. 3. Identidades Femininas. 4.
Conflitos. I. Título.

21. ed. CDD 155.6423

SAMUEL FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

PERFIS DE IDENTIDADES FEMININAS NO ROMANCE “GABRIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO: indo além do progresso e conflitos de poder na terra de Ilhéus

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. M.Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Marta Lúcia Nunes

Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes
Examinador/a - UEPB /CAMPUS IV

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. M.Sc. Doralice de Freitas Fernandes
Examinador/a - UEPB/CAMPUS IV

APROVADO EM: 05 de Setembro de 2013.

Católé do Rocha – PB

2013

*“O amor não se prova,
nem se mede.
É como Gabriela.
Existe, isso basta.”*

Jorge Amado

Dedico este trabalho a Joana D'arc Pereira, minha mãe, pela força e coragem que representa em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Não existiria gratidão se não houvesse algo que nos tornasse gratos, assim, agradeço primeiramente a DEUS pela vida, força, sabedoria, proteção e discernimento no decorrer do curso e fora dele.

As palavras se tornam formas pequenas para agradecer a minha mãe Joana Darc, pelo apoio em todos os momentos, pela coragem que me passa, pela alegria e amor que em mim deposita.

Aos amigos, cito alguns com tristeza de não poder elencar todos, mas nos que citarei levo a companhia dos demais, Francineide e Socorro, pessoas que fizeram a diferença na minha primeira fase do curso, a Miquéias por ser um amigo de fé nas horas de indecisão, a Jailson José por se tornar um irmão, além de grande amigo de decisões e conselhos.

Aos colegas, por estarem no meu convívio pelas manhãs e em outros momentos, citarei os que me cativaram com maior frequência, como Silmara, Monara, Luciana, Janini, Elba, Clarice, Solange, Geane, Aldimar, Aivoneide e Edjane. Mas existem colegas que viram irmãos, e neste curso ganhei duas belas irmãs, Daiana e Fabíola, a primeira porque sempre mostrou uma alegria pela vida, marcando os mais belos gols de otimismo e superação e que levarei para o meu estádio chamado vida, a segunda por ter se tornado o melhor presente do curso, pois encontrei nos sorrisos dela uma paz e harmonia que me erguia da rotina de dias cansativos, a cada abraço compartilhado forças de felicidade brotavam, mais que amiga de curso, um anjo para vida toda, meu muito obrigado.

Aos colegas de Ciências Contábeis, curso distante da ficção e humanização literária, mas que estavam comigo nos incentivos e crença, especialmente, Tamires, Bárbara, Sinara, Lúelia, Mariana, Matheus, Wagner e Silvano.

À professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, minha orientadora, portadora de ensinamentos, dedicação, visão crítica e gentileza nas orientações deste trabalho, por meio dela agradeço também aos demais professores e funcionários do Curso de Licenciatura Plena em Letras, profissionais que passaram por nossas vidas com contribuições significativas e inesquecíveis.

PERFIS DE IDENTIDADES FEMININAS NO ROMANCE “GABRIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO: indo além do progresso e conflitos de poder na terra de Ilhéus

OLIVEIRA, Samuel Francisco Pereira de. UEPB – CAMPUS IV

PRAXEDES, Profa. M.Sc. Maria Fernandes de Andrade. UEPB – CAMPUS IV

RESUMO

A literatura serve de mecanismo de interação com a sociedade, pois se mostra como a arte da representação da realidade, não idêntica, mas com linguagem estética, artifícios textuais próprios e criatividade do escritor. O romance como ramificação dessa arte contempla ações que são traçadas no tempo e espaço, enredo com personagens variadas, que transitam com seus conflitos internos e externos. O escritor Jorge Amado soube atuar com o gênero romance, apresentando narrativas que expressam conflitos existentes na sociedade, quebrando tabus, apresentando perfis de indivíduos miscigenados, sensuais e marginalizados. Este artigo teve como objetivo discutir alguns perfis de identidades femininas presentes no romance “Gabriela, cravo e canela”, especialmente nas representações das personagens Sinhazinha, Malvina, Glória e Gabriela, mulheres com histórias de atritos e desafios. A metodologia utilizada para tais discussões repousa na pesquisa bibliográfica, e autores como Candido (1972; 2010), Bakhtin (2002), Lukács (2000), entre outros, serviram de base para a fundamentação teórica, cujos resultados revelam que os sujeitos são indivíduos que constroem identidades, nas suas práticas, nos seus relacionamentos e na atuação de convivência com os demais sujeitos que com eles interagem.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Identidades Femininas. Conflitos.

ABSTRACT

The literature serves as a mechanism of interaction with society, because it shows like the art of representation of reality, not identical, but with aesthetic language, form textual and creativity of the writer. The novel as a branch of the art includes actions that are traced in time and space, plot with different characters, who move with their internal and external conflicts. The writer Jorge Amado learned to act with the romance genre, presenting narratives that expressed conflicts in society, breaking taboos, presented profiles of admixed individuals, sensual and marginalized. This paper aimed to discuss some profiles of female identities present in the novel "Gabriela, cravo e canela", especially in representations of characters Sinhazinha, Malvina, Glória and Gabriela, women with histories of friction and challenges. The methodology used for these discussions lies in literature and authors such like Candido (1972, 2010), Bakhtin (2002), Lukacs (2000), among others, formed the basis for the theoretical, the results show that subjects are individuals to construct identities in their practice in their relationships and in the performance of coexistence with the other subjects with which they interact.

Keywords: Literature. Society. Female Identities. Conflicts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LITERATURA: UMA ARTE SOCIAL, UM ACONCHEGO FEMININO NOS BRAÇOS DE JORGE AMADO	11
1.1 Sociedade e literatura: caminhos que se cruzam e se completam.....	11
1.2 Junção baiana: Jorge Amado e o romance	14
2. ELAS SÃO FLORES ILHEENSES, SÃO MULHERES DE IDENTIDADES NA TERRA DO CACAU	18
2.1 Traição, amor e morte: tríade de Sinhazinha	18
2.2 Malvina: ousadia que encanta, desafia e faz sonhar.....	21
2.3 Desejo cercado e janela cobijada: Glória, mulher e amante	23
2.4 Mais que cravo e canela, simplesmente a mulher Gabriela	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O romance, muitas vezes, move e apresenta sentimentos antes esquecidos e aprisionados. Esse gênero literário é marca de resistências, confidências seculares, discursos questionadores e intrigantes, ele age com dinamicidade nas mentes de escritores e leitores, e passa por processos de transformações e adaptações, assumindo novas formas de arte, como cinema e teatro, embora estas não demonstrem sua natureza completa, mas tentam repassar a essência deste gênero.

O desvendamento da singularidade do romance ganha adeptos por toda a parte, visto que nele reside a grandeza da literatura, esta como uma arte da palavra, onde escritores usam do talento com a estrutura desse tipo textual, mexem com enredos, brincam com o tempo e o espaço, fazem personagens tímidos ou ousados e nisso conquistam mais que usuários de obras literárias, mas pessoas que se encantam com a arte da escrita.

O objetivo deste trabalho é discutir alguns perfis de identidades femininas presentes no romance “Gabriela, cravo e canela”, de Jorge Amado, no qual as personagens mostram mais que sexualidade, elas manifestam atitudes, força, coragem, ousadia e paixão, como elementos constituintes de suas identidades.

A motivação para esta pesquisa se deve ao fato de vivermos em um mundo cada vez mais conflituoso, preconceituoso e discriminatório acerca da multiplicidade das identidades dos sujeitos, sobretudo, femininos e de valores humanos. Por esta razão, parece pertinente refletir sobre tais questões, e a literatura amadiana é um caminho oportuno para isso, uma vez que literatura é caminho de histórias, de fatos que ocorreram na imaginação ou que foram reais e se tornaram fictícios. Seja qual for a artimanha do escritor ela ganha espaço, toma sua forma, não fica arcaica, ganha arranjos e continua a ser fonte de reflexão e harmonia entre o homem que cria e o que é criado nas interfaces de suas ações.

O nosso discurso será fundamentado em uma pesquisa de cunho bibliográfico. Para isso, recorreremos a diversos autores para consolidar nossos pensamentos e reflexões como Candido (1972; 2010), Bakhtin (2002), Lukács (2000), Antunes (1998), Moisés (2006), Anton (2002), Tadié (1992), Gomes (1995), Freyre (1951), entre outros.

A estrutura do nosso trabalho se configura da seguinte forma: no primeiro capítulo identificamos a interação entre literatura e sociedade e do autor Jorge Amado e o gênero romance. Já no segundo, tratamos das identidades das personagens femininas Sinhazinha, Malvina, Glória e Gabriela nas situações postas pelo romance amadiano.

Dessa forma, compreendemos que a literatura é caminho de histórias que se faz da participação do social com o ficcional, que as mulheres postas na literatura também representam perfis femininos da nossa realidade, numa abordagem simples, mas com a criatividade e talento do autor, que cria mundos e conflitos.

1. LITERATURA: UMA ARTE SOCIAL, UM ACONCHEGO FEMININO NOS BRAÇOS DE JORGE AMADO

A literatura como arte social encanta com seus artifícios linguísticos e críticos, as personagens que nela se apresentam retratam vidas rústicas e sofisticadas, mostram culturas regionais, problemas sociais entre outros atributos. O escritor Jorge Amado modelou esta arte, deu vida à terra baiana com seus perfis femininos, apresentou um Brasil mestiço e rico na diversidade da beleza geográfica e cultural, mostrando realidades cruzadas de sentimentos e conflitos em seus romances.

1.1 Sociedade e literatura: caminhos que se cruzam e se completam

O homem, como ser social, inclui suas vivências, seus anseios e desejos nas suas atividades cotidianas, caminha com traços de civilização ou de barbárie, estes ocorrem geralmente quando a racionalidade não é tratada com estima e devoção por ele, este mesmo homem produz arte, e a literatura entra nesta produção, inserindo questões sociais, artísticas e culturais presentes na sociedade.

A arte é uma manifestação que atua numa visão social e estética da sociedade, como lembra Samuel (1985, p.12) quando assinala que “do ponto de vista social, a arte é expressão da divisão da sociedade; mas do ponto de vista da estética, a arte tende para a universalidade, vendo o homem de todas as sociedades e de todas as classes como o mesmo homem”.

A literatura nos apresenta as múltiplas realidades do homem em diversos momentos históricos, já que muitos traços foram consolidados pelo processo evolutivo da humanidade, as mensagens e formas sofreram desvios, negações e desusos, mas não se depararam com barreiras que fizessem com que esta arte desaparecesse por completa, pois ela é produto histórico que realiza o universal.

O que é posto na obra literária são vestígios de acontecimentos corriqueiros na sociedade, esta vem existir antes da obra, na obra e depois da obra, no produto do trabalho do escritor, este que busca transformá-la e refleti-la, como afirma Tadié (1992, p. 163):

A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção.

Conforme as palavras de Tadié, não tem como ocorrer afastamento do meio social quando estamos falando de literatura, pois a mesma é cercada e configurada a partir de traços sociais, e a cada leitura realizada pelo público, mais traços são compartilhados e sentidos, algo que ganha significativa expansão, já que existem diversos gêneros literários e nisso mais formas de observar o mundo.

A transposição da realidade é marca presente na literatura, esta mostra uma nova ordem de posicionamentos de indivíduos, sentimentos e objetos. Segundo Candido (2010, p. 63):

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela, se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar.

O potencial encontrado na sociedade seja com suas mazelas, contrastes, encantos e conflitos, serve de estímulo para a produção literária, o trabalho desta serve para educar, não com a educação pedagógica adotada pelo grupo dominante,

mas com a educação que abre caminhos para identificar as injustiças e enganos pregados por este grupo, e dessa forma abrir espaço para questionamentos como bem aponta Candido (1972, p. 805):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Tomando como referência as reflexões de Antonio Candido, podemos identificar o poder que a literatura tem na formação do indivíduo, dando aspectos de sensibilidade e de reflexão de ações, algo que não é bem posto na pedagogia oficial, a literatura não vem corromper e nem edificar o homem, mas apresentá-lo ao caráter “humanizador”, mostrando que a arte passa pela questão do viver de cada ser.

A escrita que permeia na literatura tem uma expressão coletiva, tem uma indicação para a atuação do homem que vê, que lê e que escreve, aponta para o mundo de fantasia que é baseado na inspiração do mundo real, essa configuração acontece porque a literatura é coletiva. Como lembra Candido (2010, p. 147):

[...] a literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”.

A comunicação que acontece por meio da obra literária pode ser tida como essencial, pois através dela indivíduos longínquos geograficamente ou temporalmente podem manter uma ligação interativa, vivenciando momentos semelhantes, mesmo que os espaços e as épocas sejam outros, mas a sintonia da arte os aproxima para um mesmo local, o da sensibilidade humana.

Cada sociedade é marcada por questões que a modificam, não tendo sociedade imutável e nem estática. Dessa forma, seus indivíduos são suscetíveis às

mudanças, sejam geográficas, econômicas, políticas, religiosas e literárias. Assim, os simpatizantes da arte sentem as transformações sociais, mas com auxílio da literatura encontram o elo da reação para superar os desafios muitas vezes sufocantes pela tirania social. Para Candido (2010, p.40):

A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora esta verificação fira a nossa vaidade, o certo é que muito poucos dentre nós seriam capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vivemos.

A face da sociedade se encontra na literatura, não mais igual, mas com nova roupagem, exteriorizada e adaptada. Contudo, não deixa de ser parte dela, o homem que a produz leva seu mundo observatório, sua sugestão, sua experiência e seu trabalho como artista, criando um ambiente de realidades que se cruzam, comunicam e se completam.

1.2 Junção baiana: Jorge Amado e o romance

O que seria do artista sem a inspiração, sua capacidade criadora? E onde ele a encontra? O artista não seria tão lembrando sem a presença dela, e são suas obras que atuam na revelação de onde ele a encontra, isso é o que acontece com o romancista Jorge Leal Amado de Faria, ou simplesmente Jorge Amado, nascido no dia 10 de agosto de 1912 em Itabuna-BA.

A Bahia torna-se para Amado a fonte motivadora para a escrita de seus romances, estes cheios de cultura, sensualidade, críticas sociais, e fusão entre a realidade e ficção, e não é apenas o espaço geográfico que atrai para a produção, mas tudo que há nesta terra, a “Bahia de todos os Santos” como o autor mesmo prega e que Gomes (1995, p.56) complementa “a região natural não pode ser o quadro e o fundamento da geografia, pois o ambiente não é capaz de tudo explicar”, de tão fascinante e instigante para o autor baiano, que serve de pano de fundo para suas obras.

Mas como fazer definição desde baiano Jorge Amado? O mesmo nos apresenta uma direção para isso, vindo de certas críticas, mas que na verdade se mostram como um olhar verdadeiro sobre este nobre grapiúna¹:

Disseram certos críticos que não passo de um limitado romancista de putas e vagabundos. Creio que é verdade e orgulho-me de ser portavoz dos mais despossuídos de todos os despossuídos. Disseram também que tenho a paixão da mestiçagem, e dizem-no com raiva racista. Honro-me infinitamente de ser um romancista da nação mulata do Brasil. Creio que, querendo ofender-me, esses críticos me exaltaram e definiram.²

O romancista Amado transportou para suas obras o que permeava na identidade do povo brasileiro, o aspecto cultural, miscigenação, estados de espíritos, alegria e maldade. Seus romances são ricos de enredos, com os malandros, as belas mulheres, sejam retraídas ou fogosas, a diversificação de religiões e a cordialidade, este último fator não se prendia só às obras, mas também à vida pessoal deste baiano como ele mesmo lembra:

[...] nunca fui inimigo de ninguém simplesmente por ser seu adversário político. Também nunca fui amigo de ninguém simplesmente por ser seu correligionário político. Tenho amigos que pensam ou pensavam como eu e tenho amigos... pessoas queridíssimas... que pensam de maneira inteiramente diversa. E acho que isso é bom.³

A representação da terra baiana que podemos encontrar no trabalho amadiano se encontra nas personagens femininas deste, existem outros fatores em suas obras, mas são as mulheres que encantam demasiadamente, a baiana de Amado apresenta perfis da vida local, como a mestiçagem, as tradições culturais, o teor religioso, além da marca da sensualidade, tornando um símbolo representativo da Bahia.

¹ Grapiúna: Reg (Bahia) Nome dado pelos sertanejos aos habitantes do litoral.

² AMADO, Jorge. "Um romancista da nação mulata". **Jornal de Letras**. Portugal. 12.06.1990.

³ AMADO, Jorge apud Gomes, Álvaro Cardoso. **Jorge Amado: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981, p.15.

Uma definição da Bahia seria válida, isso para mostrar o que tanto encanta os leitores quando se deparam com os romances amadianos, para isso, recorreremos a Gilberto Freyre (1951) que se posicionou num artigo da Revista O Cruzeiro:

E quem diz Bahia ou baianos diz festa, bolo, doce, mulata, alegria, e até pecado. Os sete pecados mortais e não apenas todos os Santos da Igreja, mais os dos Candomblés: Bahia de Todos os Santos. Diz música, dança, canto, foguete, capoeiragem, pastel enfeitado com papel de cor, caprichosamente recortado, carurú, violão, balangandãs, chinela leve na ponta do pé da mulher, em contraste com tamanco pesadamente português do homem, saia de roda, camisa de cabeção picado de renda, guardando peitos gordos de negras, de mulatas, de quadrarunas provocantes.

O romance produzido por Amado nos remete para questões sociais, não porque se passa muitas vezes nos territórios baianos que se distancia da nossa realidade, mas porque são configurações que usam da verossimilhança para apresentar o homem na sua forma frágil, oprimida, trabalhadora e malandra, e dessa forma realizar uma reflexão sobre o próprio ser humano e suas relações consigo e com os demais que o cercam, e assim mostrar o trabalho que centra o gênero romance. Refletindo sobre esse aspecto Ferreira (2004, p. 70) afirma que:

[o romance simula] uma situação limite em que o ser humano se vê forçado a contemplar-se de frente, na sua inteira fragilidade e ferocidade, instado a lidar com o que é, bem como com o que cada um a sua volta se torna, quando despojado de todos os dispositivos de domesticação: trabalho, moradia, família, nome, enfim, todas as referências sociais que modelam o ser e garantem que o mesmo se mantenha visível para si mesmo como humano.

A arte amadiana é de máxima criatividade e crítica, os mundos fictícios pontuados nela são os fatos reais com os quais convivemos, com outras Gabrielas e Malvinas. Contudo, devemos nos atrelar ao tempo em que a obra foi produzida e o contexto de sua produção. A Bahia uniu o artista ao gênero literário romance, as produções que cativam inúmeros leitores pelo mundo são também passaportes para difusão do multiculturalismo existente em nosso território brasileiro, mas fica sempre

válido deixar a questão que o romance é um gênero problemático, que na defesa de Antunes (1998, p. 196):

[...] representa a máxima expressão artística de uma época, quando mostra as contradições da sociedade sem tentar soluções conciliatórias arbitrárias, quando penetra na essência das relações burguesas e revela o seu caráter histórico, em outras palavras, quando é realista.

O trabalho artístico literário não se move na tentativa de resolução de conflitos da realidade, mas indica formas para tais resoluções, o contraditório que se passa como um desvio pode ser a alavanca para levar os agentes do conflito a se encontrarem e resolver seus atritos, fato que na vida real muitas vezes é descartado e não avaliado como forma de superação.

O romance, segundo Moisés (2006) é mecanismo de recriação da realidade, em que são postas mazelas e benfeitorias. E no talento de Amado esta recriação ganha um verdadeiro encantamento, a obra “Gabriela, cravo e canela” é uma prova disto, lotada de personagens que transitam com ideais de mudanças ou acomodação, com sentimentos reprimidos (Sinhazinha), desafiadores (Malvina), ousados (Glória) e sensuais (Gabriela), que travam disputas de poder e acordos políticos para manutenção ou progresso da identidade local.

Segundo Lukács (2000, p. 60) “o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida”, algo bem posto nas narrativas amadianas, onde a vida é pautada pelas idas e vindas de sujeitos, com seus medos e anseios, um existir ficcional, mas que acarreta uma vasta trajetória pelo lado cultural e psicológico de cada personagem que se apresenta, não são apenas baianos que são representados, porém homens e mulheres com identidades próprias.

A diversidade social contida no romance vai além do contato com as ações e locomoções dos personagens, pois a linguagem que é usada e compartilhada entra nesta diversificação com tratamento artístico, seja ela manipulada por vozes coletivas ou individuais como aponta Bakhtin (2002, p.74) “o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais”.

O caráter heterogêneo é marca do romance, este se porta como um verdadeiro mosaico, que se constitui de partes da sociedade, de textos literários, históricos, religiosos, científicos, entre inúmeros outros. Dessa forma, podemos identificar que este gênero literário é uma combinação social, no qual se organizam línguas, fatos de épocas, gerações, hierarquias, regionalismos, um exercício efetivo que aponta para a diversidade do sujeito e da vida.

2. ELAS SÃO FLORES ILHEENSES, SÃO MULHERES DE IDENTIDADES NA TERRA DO CACAU

Na obra “Gabriela, cravo e canela” nos deparamos com inúmeras personagens, cada uma apresentando uma visão social, entre os conflitos de poder que encontramos neste romance, surgem as mulheres, flores que fascinam na terra do cacau, que percorrem não só ruas de novenários, mas grandes trajetórias de desafios e cobranças. Dessa forma é possível perceber que em uma sociedade machista, os perfis de identidades femininas são modelos de superação e resistência, fator esse que merece reconhecimento. Esses contornos de identidades se configuram nas singularidades das personagens Sinhazinha, Malvina, Glória e Gabriela.

2.1 Traição, amor e morte: tríade de Sinhazinha

Na obra “Gabriela, cravo e canela” são postas muitas personagens femininas, estas aparecem com dramas, questionamentos e anseios, são mulheres que desvendam segredos e desmascaram rotinas. Assim, o trabalho ficcional de Amado ganha uma interface nas ruas ilheenses, consagrando não somente o “progresso” urbano, mas a grandeza de suas cidadãs de identidades fortes, a personagem Sinhazinha é uma delas:

Sinhazinha Guedes, formosura local, de antiga família ilheense, órfã de pai e herdeira de um coqueiral para as bandas de Olivença. Quase vinte anos mais moça que o marido, bonita, freguesa assídua das lojas de fazendas e sapatos, principal organizadora das festas da igreja de São Sebastião, aparentada de longe com o Doutor, passando longos períodos na fazenda, Sinhazinha jamais

dera que falar, em todos aqueles anos de casada, aos muitos maledicentes da cidade. (AMADO, 2006, p. 92)

A mulher na personagem Sinhazinha não é só respeitada, mas também prestativa socialmente, envolvida nas atividades da igreja local, esta que se mostra como local de fuga, em especial para o vazio que existe no casamento com o coronel Jesuíno Mendonça, homem frio que posteriormente se torna assassino da esposa e do amante desta.

O casamento não é uma estabilidade definida, mas um longo processo de aprendizado em que desprendimentos devem acontecer, tornando um vínculo complexo como aponta Anton (2002, p. 6):

O vínculo que une um homem e uma mulher é extremamente complexo. Pela característica de ser tão próximas e tão íntimas, as reações emocionais intensificam-se, gerando sentimentos tanto positivos quanto negativos. Tais sentimentos que permeiam o ser humano e o outro complementar, trazem em si várias formas de ajustamento e conflitos oriundos de necessidades conscientes e inconscientes.

Na perspectiva de Sinhazinha os sentimentos de contentamento vieram longe do casamento com o Coronel Jesuíno, levando a traição com o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel. O romance amadiano, cujo enredo se passa no ano de 1925, trás esta transgressão social, em um período em que o pensamento machista prepondera, a mulher que comete adultério é alvo de violência e recusa social, assim, transgredir valores se moldaria como um guia para reprovação da sociedade seguida de punição, como a morte, por exemplo:

[...] na hora calma da sesta, o coronel Jesuíno Mendonça descarregara seu revólver na esposa e no amante, emocionando a cidade, trazendo-a mais uma vez para o remoto clima de sangue derramado [...] A notícia correrá rápida como relâmpago e cresceram o respeito e a admiração que já cercavam a figura magra e um tanto sombria do fazendeiro. Porque assim era em Ilhéus: honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada. (AMADO, 2006, p. 92)

A mulher que rompe com o sistema que a envolve se insere num processo de riscos, Sinhazinha assume sua identidade de coragem, pois enfrentar o medo, modificar sua “estabilidade” social, ousar trair o marido num contexto socialmente opressivo é um ato de bravura, mesmo que numa visão distorcida, já que a época da personagem não aprovaria tais feitos, chegando a considerar como loucura ou promiscuidade.

A identidade de Sinhazinha também passa pelo lado romântico como afirma Amado (2006, p. 94) “Dona Sinhazinha era ainda aparentada dos Ávilas. Família de mulheres românticas”, a sensibilidade do amor que não foi repassada pelo coronel Jesuíno, foi sentida e compartilhada com o personagem Osmundo, mesmo que tenha ocorrido num período curto, mas este compartilhamento gerou toda uma realização pessoal na personagem feminina.

A morte não foi o fim, ela não levou a felicidade dos amantes como bem lembra a voz do narrador “As faces sem sangue, Osmundo sorria na morte”, ela não rompeu a coragem e nem o romantismo da mulher Sinhazinha, esta que se entregou numa busca proibida pelo amor, este que se torna motivo de desavenças e apaziguamento, o sorriso do dentista se mostra como uma carnavalização, uma crítica contra o sistema opressor da época, cuja forma de resolver problemas conjugais se dava, muitas vezes, de maneira violenta, culminando em barbárie.

A identidade de Sinhazinha supera a questão da mulher frágil e condicionada a “prisão” doméstica, esta que se apresenta em Amado (2006, p.99) “Mulher casada é para viver no lar, criar os filhos, cuidar do esposo e da família...”, o rompimento com os ditames da época mostra o quanto a personagem se volta para a questão da recusa de tratamento, mostrando que a mulher deve ser tratada com estima e devoção, não como simples objeto ou secretária doméstica, dessa forma a identidade de coragem prepondera em Sinhazinha.

A ideia de posse no casamento também é desfigurada nas atitudes de Sinhazinha, o matrimônio é prejudicado com a possessividade como apresenta Kolontai (2011, p. 30) “fator que envenena ao matrimônio legal é a ideia de propriedade, de posse absoluta de um dos cônjuges pelo outro”, assim, identificamos na traição com Osmundo uma postura de embate contra a ideia de posse, com isso, esta personagem amadiana se mostra ousada para um sistema patriarcal e utópica quando se entrega na busca pela felicidade.

2.2 Malvina: ousadia que encanta, desafia e faz sonhar

O romance de Amado é cercado de tramas, sejam elas pela busca do poder, pela tentativa de não ser mais oprimido e nem negado ou pela figura do progresso uma ideia bem discutida na narrativa como afirma o narrador “Progresso era a palavra que mais se ouvia em Ilhéus e em Itabuna naquele tempo. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida”, mas além destas tramas encontramos a jovem personagem Malvina que comparada com flores era “mais bela que elas” a “filha única de Melk, aluna do colégio das freiras”.

Malvina “bela e fria”, é uma personagem que não se modela pelos ditames da sociedade vigente na obra, revela-se com força e atitude, já denotando a não aceitação das regras impostas no tratamento com a mulher, passando por desafios desde o convívio familiar, pois o pai da jovem é um exímio machista como notamos em seu discurso relacionado aos estudos “mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder”, mas a personagem está decidida em não se sujeitar a esta visão e a outras que são pregadas:

Dera-se conta da vida das senhoras casadas, igual à da mãe. Sujeitas ao dono. Pior do que freira. Malvina jurava para si mesma que jamais, jamais, nunca jamais se deixaria prender. Conversavam no pátio do colégio, juvenis e risonhas, filhas de pais ricos. Os irmãos na Bahia, nos ginásios e faculdades. Com direito a mesadas, a gastar dinheiro, a tudo fazer. Elas só tinham para si aquele breve tempo de adolescência. [...] Chegava um dia o pai com um amigo, acabava o namoro, começava o noivado. Se não quisesse, o pai obrigava. Acontecia uma casar com o namorado, quando os pais faziam gosto no rapaz. Mas em nada mudava a situação. Marido trazido, escolhido pelo pai, ou noivo mandado pelo destino, era igual. Depois de casada, não fazia diferença. Era o dono, o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para eles os direitos, para elas o dever [...] (AMADO, 2006, p. 218-219)

A jovem Malvina se mostra com a identidade de ousadia, num comportamento contrário comparado com as demais jovens ilheenses, que eram direcionadas para o casamento e a obediência, causando muitas vezes estranhamento, enfrentando regras sociais e realizando feitos inesperados:

Ante os olhos espantados da rua comprimida nas portas e janelas, Malvina entrou trazendo um ramo de flores colhidas em seu jardim. Que vinha fazer ali, no funeral de uma esposa morta por adultério, essa moça solteira, estudante, filha de fazendeiro? Nem que fossem amigas íntimas. Reprovavam com os olhos, cochichavam pelos cantos. Malvina sorriu para o Doutor, depositou suas flores aos pés do caixão, moveu os lábios numa prece, saiu de cabeça erguida como entrara, Nacib estava de queixo caído. (AMADO, 2006, p.130)

Não é somente o queixo da personagem do sírio Nacib que cai, mas toda a massa de tabus existente na sociedade ilheense, Malvina não é só leveza feminina, mas a força impetuosa desse gênero, não tendo barreiras que a deixem sem ações, enfrenta desafios e pudores sociais, em especial no seu envolvimento com o engenheiro Dr. Rômulo Vieira:

Ao despontar na Praça, divisou Malvina a conversar com o engenheiro na avenida da praia. A moça sentada num banco, Rômulo de pé a seu lado. Ela ria numa gargalhada solta, Nacib nunca a escutara rir assim. O engenheiro era casado, a mulher estava louca num hospício. Malvina não tardaria a saber. (AMADO, 2006, p.176)

Na personagem Malvina identificamos uma mulher de mistério e beleza como a voz do narrador indica “seus olhos de mistérios” e “sua formosura não estava apenas no rosto e no corpo elegante, era como se viesse também de dentro dela”, assim, o encantamento desta personagem não se prende apenas aos pensamentos e atitudes muito além da época em que ela situava, mas também no interior da alma da mesma.

A sociedade ilheense retratada na obra amadiana estava cheia de valores que sufocavam as mulheres, muitas regras impostas, desejos negados e poucos direitos compartilhados, fatores estes que despertaram em Malvina uma aversão a Ilhéus:

Malvina odiava aquela terra, a cidade de cochichos, do disse-que-disse. Odiava aquela vida e contra ela passara a lutar. Começara a ler, João Fulgêncio a encaminhava, recomendando-lhe livros. Descobriu outro mundo mais além de Ilhéus onde a vida era bela, onde a mulher não era escrava. (AMADO, 2006, p. 219)

O ambiente na terra de Ilhéus não constitui um atrativo para Malvina, esta idealiza novos espaços, sendo estes mais receptivos para a presença da mulher, não observando-a como um objeto de uso masculino, mas como membro da sociedade com direitos e deveres iguais, com capacidades de trabalho e superação de desafios.

Se a personagem Sinhazinha foi corajosa em aventurar-se num romance fora do casamento, Malvina com seu perfil identitário de ousadia se envereda em outro, se posicionando neste com suas crenças e seus ideais de vida e liberdade, mas o romance não foi consolidado, o que não frustrou a jovem, que viu neste fato a força de superação e independência feminina:

Dava-se conta Malvina do erro cometido: para sair dali só vira um caminho, apoiada no braço de um homem, marido ou amante. Por quê? Não era ainda Ilhéus agindo sobre ela, levando-a a não confiar em si própria? Por que partir pela mão de alguém, presa a um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seus pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia. Não pela porta da morte, queria viver e ardentemente, livre como o mar sem limites. Segurou os sapatos, desceu dos rochedos, começou a esboçar um plano. (AMADO, 2006, p.221)

A identidade de Malvina se nutre na perspectiva de mudança, na transformação de sua realidade, esta traçada pelo pensamento patriarcal, este que não se prolifera, pois na personagem o caráter de ousadia se fortalece e ela enfrenta as barreiras familiar e social, garantindo não só a chance de sair da terra de Ilhéus, mas assegurar o direito de viver e ser livre.

2.3 Desejo cercado e janela cobiçada: Glória, mulher e amante

A mulher que pertence à elite social é reprimida, no caso das personagens de Sinhazinha e Malvina, já a que não se insere nesta categoria sofre desvios de valorização, e carga severa de proibição e exclusão, como acontece com Glória, como retratado pela personagem do professor Josué “Glória, vítima da sociedade, de pureza conspurcada, certamente violentada à força, expulsa do convívio social”.

Mulher e amante, a personagem Glória é situada numa relação de “amores”, de trocas de bens materiais por favores sexuais, sua manutenção é assegurada pela obediência e disposição do corpo, assim, uma atividade de prostituição reservada e sem chances de brotar o amor e que acarreta prejuízos, segundo Kolontai (2011, p. 31), “não há nada que prejudique tanto as almas como a venda forçada e a compra de carícias de um ser por outro com que não tem nada em comum. A prostituição extingue o amor nos corações”.

A prostituição não só elimina o amor como afasta as prostitutas do ciclo social, algo que acontece na obra de Amado, sem aprovação da sociedade para transitar pelas ruas de Ilhéus a personagem de Glória é confinada numa casa, fazendo de uma janela o mecanismo de interação com os acontecimentos da cidade, nesta interação torna-se alvo de desejos masculinos e de reprovações femininas:

A casa de Glória ficava na esquina da praça e Glória debruçava-se à tarde na janela, os robustos seios empinados como numa oferenda aos passantes. Uma e outra coisa escandalizavam as solteironas que vinham para a igreja [...] Falta de vergonha... [...] Do bar, repleto a partir das cinco da tarde, os homens alongavam os olhos para a janela de Glória do outro lado da praça. (AMADO, 2006, p.87)

O tratamento com Glória é enraizado em valores masculinos, em que a mulher serve apenas como deleite de prazer nas horas de luxúrias e nas fugas da rotina familiar, esta personagem é vinculada como uma necessidade social:

Glória, seu doutor, é uma necessidade social, devia ser considerada de utilidade pública pela intendência como o Grêmio Rui Barbosa, a Euterpe 13 de Maio, a Santa Casa de Misericórdia. Glória exerce importante função na sociedade. Com a simples ação de sua presença na janela, com o passar de quando em quando pela rua, ela eleva a um nível superior um dos aspectos mais sérios da vida da cidade: sua vida sexual. Educa os jovens no gosto à beleza e dá dignidade aos sonhos dos maridos de mulheres feias, infelizmente grande maioria em nossa cidade, às suas obrigações matrimoniais que, de outra maneira, seriam insuportável sacrifício. (AMADO, 2006, p.134-135)

A personagem de Glória se encontra com atributos de utilidade sexual, desprestigiando outras qualidades como indivíduo social. Os homens a buscam, a desejam, assim, Glória se revela com a identidade do prazer, a satisfação do corpo que revigora, a beleza jovem que encanta e atrai, algo que não ocorre quando a mulher é velha e feia, sobre essa questão Beauvoir (1980, p. 202), postula que “a mulher velha, a mulher feia não são somente objetos sem encantos: suscitam um ódio impregnado de medo. Elas encontram em si a figura inquietante da mãe quando os encantos da esposa se esvaem.

Os homens de Ilhéus não se apavoram com Glória, pelo contrário, sentem atração e levam-na para seus momentos íntimos com suas esposas como podemos constatar na fala da personagem de João Fulgêncio “a maioria dos homens, Digníssimo. Quando dormem com as esposas estão pensando é em Glória. É com ela que dormem”, dessa forma, podemos identificar o quanto a Glória é cobiçada e o quanto o coronel Coriolano é “traído”.

Como nem tudo é comprado por bens materiais a necessidade de satisfação como mulher faz Glória se entregar as aventuras com o professor Josué, este desencantado pela jovem Malvina, mas não controlam o segredo devido aos descuidos, e chegam a ser descobertos pela sociedade:

É possível manter tão estrita ilegalidade uma semana, quinze dias. Depois, começam os descuidos, a falta de vigilância, de atenção. Um pouco mais cedo ontem, um pouco mais cedo hoje, terminou Josué por entrar na casa amaldiçoada com o Bar Vesúvio ainda cheio de gente, apenas findava a sessão do Cine-Teatro Ilhéus. Mais cinco minutos de sono hoje, mais cinco amanhã, terminou saindo diretamente do quarto de Glória para o colégio, a ditar classes. Confidência ontem a Ari Santos (Não passe adiante...), hoje a Nhô Galo (Que mulher!), segredo ontem murmurado aos ouvidos de Nacib (Não conte a ninguém, pelo amor de Deus), hoje aos de João Fulgêncio (É divina, seu João!), a história do professor e da manceba do coronel logo se espalhou. (AMADO, 2006, p.335)

A explosão da descoberta já ressoava nas ruas, mas a bomba que viria danificar a estabilidade da “rapariga” seria a descoberta pelo Coronel Coriolano, homem que todos pensavam que iria apresentar uma punição equivalente ao caso de Sinhazinha, mas que mostrou um senso mais ponderado:

Coriolano metia a chave na porta, a agitação crescia no bar, Nacib andou para a ponta do largo passeio. Ficaram atentos, à espera de gritos, talvez de tiros. Não houve nada disso. Da casa de Glória não chegava nenhum rumor. [...] E não sucedeu. A não ser a saída, porta afora, de braço dado, de Glória e de Josué, andando pela avenida da praia para evitar a passagem ante o Vesúvio movimentado. Um pouco depois, a empregada foi trazendo e arrumando no passeio baús e malas, um violão e um urinol, único detalhe divertido em toda essa história. (AMADO, 2006, p. 337)

O tratamento de Glória pelo coronel já denota um significativo avanço no pensamento da sociedade ilheense, em que consistia no derramamento de sangue para a solução da traição, o processo de saída da personagem já condiciona o tratamento com a prostituição, que mesmo servindo de utilidade para muitos, não serve para obtenção da felicidade do amor esperada pelas mulheres. Para Kolontai (2006, p.32) “a prostituição envenena implacavelmente a felicidade das mulheres que buscam no ato sexual o desfecho de uma paixão correspondida, harmoniosa e onipotente”.

2.4 Mais que cravo e canela, simplesmente a mulher Gabriela

No romance “Gabriela, cravo e canela” encontramos uma diversidade de gênero feminino, mas o destaque vem com a personagem Gabriela, esta que fascina os homens com seu jeito simples, com “seu corpo moreno, seu riso sem motivo, sua boca de pitanga”, uma mulher que causa desejos por onde transita e reside:

O desejo subia no peito de Nacib, apertava-lhe a garganta. Seus olhos se escureciam, o perfume de cravo o tonteava, ela tomava do vestido para melhor o ver, sua nudez cândida ressurgia [...] Ele não pode mais, segurou-lhe o braço, a outra mão procurou o seio crescendo ao luar. Ela o puxou para si [...] O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: – Moço bonito... (AMADO, 2006, p. 145)

Gabriela é causa de paixão, algo notado na personagem de Clemente, que não a esquece “Em Clemente, coitado, ainda a falar em Gabriela, não a podia

esquecer”, o corpo de canela se torna uma cobiça, e a presença deste uma significativa alegria, mulher parecida com criança:

Os chinelos arrastando-se no cimento, os cabelos amarrados com uma fita, o rosto sem pintura, as ancas dança. Ia por entre as mesas, um lhe dizia galanteios, outro a fitava com olhos súplices, o Doutor batia-lhe palmadinhas na mão, chamava-a minha menina. Ela sorria para uns e outros, pareceria uma criança não fossem as ancas soltas. Uma súbita animação percorria o bar, como se a presença de Gabriela o tornasse mais acolhedor e íntimo. (AMADO, 2006, p.156)

A alegria de Gabriela conquista também a admiração do sírio Nacib, que a faz de esposa, depois de enfrentar os conflitos de valores sociais, pois a jovem retirante não era do grupo social que a elite ilheense compactuava, mas a vida de casada não a encanta, suas novas práticas se tornam frias obrigações que ela rejeita:

Bem melhor era antes, tudo podia fazer, ele tinha ciúmes mas eram ciúmes de homem solteiro, logo passavam, passavam na cama. Podia tudo fazer sem medo dele ficar ofendido. Antes cada minuto era alegre, vivia a cantar, os pés a dançar. Agora cada alegria custava tristeza. Não tinha ela de visitar as famílias de Ilhéus? Ficava sem jeito, vestida de seda, sapato doendo, em dura cadeira. Sem abrir a boca para não dizer inconveniência. Sem rir, parecendo de pau, gostava não. Para que lhe servia tanto vestido, tanto sapato, jóias, anéis, colares e brincos, tudo de ouro, se não podia ser Gabriela? Não gostava de ser a senhora Saad. (AMADO, 2006, p. 294)

Amado parece nos revelar que a personalidade de Gabriela é imutável, não podendo o sistema social a modificar, seria como estragar sua natureza, a colocá-la num molde sem alma. Na traição sofrida por Nacib com envolvimento de sua Bié com Tônico Bastos, encontramos um traço da não aceitação de normas, pois está na índole da personagem viver sem cobranças e seguir seus desejos mesmo que causem perdas e dor:

Nacib nem se lembrou do revólver, estendeu a mão pesada e ofendida, Tônico rolou da borda do leito, para logo pôr-se de pé num salto, arrebanhar suas coisas de uma cadeira e sumir. Tempo de

sobra para atirar e não havia perigo de erro. Por que não o fizera? Por que, em vez de matá-la, apenas a surrou, silenciosamente, sem uma palavra, pancada de criar bicho, deixando manchas de um roxo escuro quase violeta, em sua carne cor de canela? Ela tampouco falou, não deu um grito, não soltou um soluço, chorava calada, apanhava calada [...] (AMADO, 2006, p. 314)

Outro fator que encontramos na personagem da mulher Gabriela é o da sensualidade, com seu corpo de “graça e formosura”, tal conjunto desperta emoções corporais e sexuais como comenta Bonnici (2007, p. 239) “A sensualidade é a propensão para as emoções corporais, especialmente sexuais, e a gratificação obtida pela estimulação dos sentidos”.

A mulher Gabriela não é só vista pelo teor do corpo, mas também pela capacidade do trabalho, a mesma exerce um dom culinário que encanta, sua comida tem o gosto e o tempero da terra baiana:

Seus acarajés, as fritadas envoltas em folhas de bananeira, os bolinhos de carne, picantes, eram cantados em prosa e verso [...] Vinham para o aperitivo, o pôquer de dados, os acarajés apimentados, os bolinhos salgados de bacalhau a abrir o apetite. O número crescendo, uns trazendo outros, devido às notícias sobre a alta qualidade do tempero de Gabriela. (AMADO, 2006, p.155)

A qualidade da comida de Gabriela ganhava renome em Ilhéus, um sabor apimentado como sua beleza, “seu riso tímido e claro, sua cor queimada de canela, seu perfume de cravo, seu calor”, a personagem é o tempero vivo da Bahia, não podendo ser decifrada por completo e impossível da questão de ser explicada:

Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar sua alma. [...] Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela podem-se enumerar qualidades e defeitos, explicá-la jamais. Faz o que ama, recusa-se ao que não lhe agrada. Não quero explicá-la. Para mim basta vê-la, saber que existe. (AMADO, 2006, p. 319)

Por que perder tempo em explicar a mulher Gabriela, ela não é como as demais ilheenses, sua personalidade é única, juntamente com seu modo de encarar a vida, o escritor Amado nos reservou uma personagem que nos surpreende a cada

capítulo, não pelas paixões e encontros sexuais, mas pela força, resistência e amor que guarda no coração:

E queria, como queria!, vê-lo sorrir com seu rosto tão bom, sua cara bonita. Sorrir junto dela, tomá-la nos braços, dizer-lhe Bié, enfiar os bigodes no cangote cheiroso. Não havia no mundo mulher que tanto gostasse de um homem, que com tanto amor suspirasse por seu bem-amado como suspirava, morta de amor, Gabriela por seu Nacib. (AMADO, 2006, p. 321)

A figura de Gabriela é uma visão do indivíduo livre, pois a mesma não se prende as vaidades da sociedade, a reclusão do casamento e as cobranças da paixão, assim, ela mostra sua identidade de liberdade, é esta sua característica, a de mulher livre e sem medo de ser feliz, a mulher baiana de pé no chão que faz a diferença na construção de sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades dos sujeitos sociais são reconhecidas nas interações destes com o meio no qual são inseridos, numa relação dinâmica que acarreta variações e dependências, possibilitando, a cada indivíduo, uma atuação na sociedade, esta que pode acolher ou rejeitar as escolhas deste, mas que não o limita na ação de superar desafios e conflitos.

Os sujeitos, sejam homens ou mulheres, são agentes de modificação do espaço que ocupam, e que podem atuar na transformação pessoal e coletiva, enfrentar valores enraizados que favorecem uns e prejudicam outros. Na obra amadiana “Gabriela, cravo e canela” verificamos ações modificadoras de vários sujeitos, cada um portando perfis identitários que também são encontrados na realidade, mostrando, dessa forma, que a ficção não se distancia da vida real.

Nas personagens de Sinhazinha, Glória, Malvina e Gabriela identificamos perfis de mulheres corajosas e ousadas, amantes do prazer e da liberdade, que não se contentam com as imposições paradigmáticas da sociedade, visto que passam a enfrentar medos para alcançar a superação, declarando, assim, o lado protagonista do gênero feminino em detrimento do machismo, mal que as direcionava ao “silêncio” doméstico.

O romance analisado se apresentou como canal de interação com o aspecto social, numa abordagem de mistura de grupos, aproximação de etnias e conflitos de valores, um trabalho literário que produz um espaço para reflexão do tratamento do ser humano, dos sentimentos deste e as formas com as quais ele busca solucionar problemas.

A dualidade entre ficção e realidade é atributo recorrente na literatura, personagens fictícios denotam traços de indivíduos reais, como a personagem Glória, prostituta que é marginalizada. Na sociedade atual muitas “Glórias” são distanciadas das atividades de grupos de prestígios, as ruas de Ilhéus se tornaram os viadutos, mas continuam as pichações de preconceito com o sujeito.

O teor da identidade é a marca que caracteriza o sujeito, assim, não são os rótulos que nos são dirigidos que farão nossa identidade, mas a nossa vivência, o nosso comprometimento com nossos ideais e nossa perseverança nas crenças e sonhos, Amado soube mesclar estes traços nas suas personagens femininas, que não são simplesmente mulheres, são baianas com identidades da multiculturalidade do nosso país.

Assim, espera-se que este trabalho sirva de motivação para uma reflexão sobre os diferentes perfis das personagens femininas em “Gabriela, cravo e canela”, do escritor baiano Jorge Amado e que possibilite uma discussão acerca das identidades que são constituídas na interação com diferentes sujeitos em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 94. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006.

ANTUNES, L. Z. Teoria da narrativa: o romance como epopeia burguesa. In: **Estudos de literatura e linguística**. São Paulo: Arte e ciência; Assis: FcL/Unesp, 1998.

ANTON, I.L.C. **A Escolha do Cônjuge**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Revista Ciência e Cultura**, v.24, nº9, 1972.

_____, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

FERREIRA, Sandra Aparecida. **Da estátua à pedra (a fase universal de José Saramago)**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP-FFLCH, 2004.

FREYRE, Gilberto. Acontece que são baianos. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 1951.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. & GOMES, P. C. C. (orgs.) **Geografia: conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LUKACS, George. **A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MOISÉS, Massaud. Romance. In: **A criação literária: prosa I**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAMUEL, Rogel. **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

TADIÉ, Jean Yves. 1992. **A crítica literária no século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.